Globethics Repository



Missão urbana [Urban Mission]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Tadeu Xavier, Érico
Publisher	Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-15 23:21:48
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/228782

Missão urbana: atitudes missionárias de Paulo em Atenas

Urban mission: Paul's missionary atitudes in Athens

Érico Tadeu Xavier[1]

Considerando as estratégias missionárias de Paulo, este artigo tem como objetivo apresentar oito atitudes missionárias de Paulo que caracterizaram seu discurso na cidade de Atenas, conforme Atos 17. Os aspectos apresentados por Paulo incluem a observação, o zelo pela vontade de Deus, o respeito pela crença dos outros, a preocupação com a salvação das pessoas, a contextualização do Evangelho, o conhecimento da Palavra de Deus. Os resultados da pregação de Paulo, assim como a dos cristãos atuais, devem ser deixados ao Espírito Santo, porém, a igreja não deve deixar de realizar a sua tarefa missionária, utilizando-se de todos os meios necessários para a expansão do evangelho, independente dos resultados que possam advir da pregação.
Palavras-chave: Paulo; Atenas; Atitudes; Missão.

Considering Paul's missionary strategies, this article aims to introduce eight of Paul's missionary attitudes that characterized his speech in Athens in Acts 17. The issues presented by Paul include observation, the zeal for God's will, respect the belief of others, concern for the salvation of the people, the contextualization of the Gospel, the knowledge of God's Word. The results of Paul's preaching, as well as Christians today, should be left to the Holy Spirit, however, the church must not fail to carry out their missionary task,

[1] Doutor em Ministério pela Faculdade Teológica Sul Americana (2004), Doutor em Teologia pelo South African Theological Seminary (2011) e professor nos cursos de graduação e pós-graduação no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, Bahia. E-mail: pastortadeu@gmail.com

using all the means necessary for the expansion of the gospel, regardless the results that may be preaching.
Keywords: Paul; Athens; Attitudes; Mission.

Ao adentrar o estudo do campo missionário, a atual igreja cristã deve reconhecer as estratégias missionárias dos primeiros apóstolos, em especial Paulo, devido a grande extensão de seu trabalho nas cidades da época. A pregação missionária iniciada por Cristo centrou-se em Jerusalém e arredores, como relatado nos Evangelhos, e, ao dar continuidade, os apóstolos avançaram além das fronteiras de Roma, tendo seu progresso descrito nas Epístolas, como afirma Verkuyl (*apud* REIS, 2006), como um relato dos instrumentos utilizados por eles para a realização do trabalho missionário.

A missão de Paulo nas cidades destaca-se por ter alcançado a maior parte do mundo conhecido da época. Para Luiz André Oliveira (2012), a intenção de Paulo era levar o Evangelho a todo o mundo, com foco especial aos gentios onde quer que eles estivessem. Nichol (*apud* BARRO, 2002) lembra que, embora houvesses muitas regiões que não haviam ouvido falar do Evangelho, Paulo sempre lutou para levar a mensagem a diversas cidades, sempre objetivando produzir igrejas que se encarregariam de concluir a tarefa missionária.

Uma dessas importantes cidades é Atenas, onde Paulo pregou na sinagoga e nas praças (At 17:16). Sendo uma das principais cidades da Grécia no tempo de importantes filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles, Epicuro e Zeno e, embora tivessem passado já 400 anos da época de ouro de Péricles, ainda conservava grande parte se sua glória e prestígio. Mesmo após sua conquista por Roma, em 146 a.C., a cidade manteve sua supremacia e seu *status* livre. A cultura grega fora adotada por Roma (HUGHES, 1996). O contato de Paulo em Atenas mostra que o apóstolo fez uso de alguns recursos específicos para alcançar as pessoas. Ele reconheceu o ambiente, construiu pontes entre a realidade que percebia e a religião de Cristo. Considerando as estratégias missionárias de Paulo, este artigo tem como objetivo apresentar as atitudes missionárias de Paulo que caracterizaram seu discurso na cidade de Atenas, conforme Atos 17.

Atitudes missionárias de Paulo em Atenas

Paulo proclamava a mensagem mediante algumas atitudes estratégicas, observando o local onde estava, percebia os costumes, a cultura. Segundo Barro (2002), Paulo fazia uso de alguns elementos que facilitassem a propagação do Evangelho, buscando cidades influentes e estrategicamente localizadas, importantes centros culturais, sociais e comerciais. Assim, muitas das estratégias de Paulo se baseavam em reconhecer elementos do ambiente urbano que possibilitassem diferentes abordagens de pregação. Em Atenas, é possível perceber algumas das atitudes tomadas por ele para sua ação missionária que podem servir de exemplo para o contexto de missões nos dias atuais, principalmente no que se refere a levar o Evangelho aos grandes centros urbanos.

Observar a Cidade

> Passando e observando os objetos de vosso culto (At 17:23).

Paulo fez uma cuidadosa observação da cidade. Durante os dias de espera em Atenas (At 17:16), o apóstolo dedicou-se a uma importante caminhada missionária pela cidade: conhecer o melhor possível seu entorno sociorreligioso e, consequentemente, relacionar suas observações à fé e à teologia cristã. O cuidado em observar, pesquisar e conhecer o modo de vida, além de ser uma atitude que exige o manuseio de instrumentos sociológicos e filosóficos, é fundamentalmente uma ação bíblica e teológica, que leva a igreja a uma compreensão adequada da "alma" da cidade.

Esse exemplo foi bem ilustrado por Cristo. Lendo os Evangelhos encontramos Jesus percorrendo a Palestina, visitando centenas de lugares, investigando as pessoas em suas necessidades pessoais, físicas e materiais. Ele caminha pelas cidades (ambiente urbano), para nas aldeias (rural) e entra nas sinagogas (local de culto, reunião de pessoas), observando, amando, tocando, conversando, engajando-se, encarnando-se, doando-se. Sempre estava onde existia a necessidade, e assim ele ensinava, pregava, libertava e curava, buscando a restauração da dignidade humana e manifestação do Reino. Envolve-se completamente com as pessoas a ponto de sentir compaixão e convidar seus discípulos para trabalhar

juntamente com ele (Mt 9:35-38). O exemplo de Jesus em matéria de pesquisa e observação (Mt 9:35-38) pode ser sumariado assim:

- O poder da observação: percorria cidades (urbano), povoados (rural), sinagogas (lugares de reuniões das pessoas) (Mt 9:35).

- Necessidade de engajamento: estava no processo do trabalho: Ensinava, pregava e curava (Mt 9:35).

- Ajuntamento de informação: sua metodologia: observação participativa: "Vendo ele as multidões" (Mt 9:36).

- Análise e interpretação: as condições das pessoas: "aflitas e exaustas" (Mt 9:36); o tamanho da tarefa e do trabalho: "a seara é grande" (Mt 9:37).

- Efeito produzido: compaixão (Mt 9:36).

Roger S. Greenway (2009, p. 581) sugere o seguinte:

> Estude uma determinada cidade. Comece pelo mapa, identificando suas diferentes regiões: as áreas comerciais, as zonas industriais e os bairros residenciais. Analise atentamente as áreas que estão crescendo em população e os tipos de pessoas e de culturas encontradas ali. Então escolha um bairro e estude sua gente: religiões, culturas, idiomas e condições espirituais. Pergunte sobre suas necessidades espirituais, sociais e materiais. Descubra se há igrejas vitais para cada grupo linguístico. Pense, então, em meios de promover o Reino de Cristo nesse bairro.

Andar pela cidade, observando-a cuidadosamente, é uma atitude pastoral-missionária importante a ser aprendida com o exemplo do apóstolo Paulo.

Indignação contra a idolatria

> O seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade (At 17:16).

A cidade de Atenas se destacava pela grande quantidade de "deuses". Conforme Myer Pearlman (1995, p. 188) havia cerca de 3.000

ídolos na cidade, sendo popularmente dito que "há mais deuses do que homens em Atenas". Champlin (1995, v. 3, p. 362), em seu comentário do Novo Testamento, diz que "Plínio asseverou que, ao tempo de Nero, Atenas estava ornamentada por mais de trinta mil estátuas públicas, além de imensa multidão de esculturas particulares, nas casas dos cidadãos". Este autor cita comentário de G. S. Davis acerca da extensão da idolatria na cidade de Atenas:

> Dentre esse número a esmagadora maioria se compunha de estátuas de deuses, semideuses ou heróis. Em certa rua, defronte de cada edifício, havia uma coluna quadrada, com um busto do deus Hermes. Outra rua, chamada Rua dos Tripés, estava ladeada de tripés, dedicados aos vencedores dos jogos nacionais helênicos,cada um dos quais continha alguma inscrição em honra a alguma divindade. Cada portão e pórtico tinha o seu próprio deus protetor. Cada rua, cada praça, e, na realidade, cada pardieiro (habitações miseráveis de qualquer espécie), tinha o seu respectivo santuário (CHAMPLIN, 1995, v. 3, p. 362).

Hughes (1996) comenta que Paulo estava muito angustiado, irritado com a cultura idólatra dos atenienses, que testemunhava seu estado espiritual vazio e ignorância do verdadeiro Deus. Sua reação beirou ao paroxismo[2] experimentando a profunda infidelidade a Deus por parte dos atenienses, ao mesmo tempo em que sentia uma desesperada preocupação pela necessidade espiritual dessas almas ignorantes e perdidas. Por ser um sentimento bíblico legítimo, progressivo e ponderado de clamor pela justiça divina, sua indignação o conduziu, bem como deve conduzir a igreja hoje, a atitudes missionárias a favor da cidade. O mais interessante é que, conforme comentam Charles Pfeiffer e Everett Harrison (1984, v. 4, p. 277-278), "a estratégia missionária de Paulo não incluía a evangelização de Atenas. Mas esperando ali por Silas e Timóteo, sentiu-se profundamente movido pela evidente idolatria que viu. Os famosos templos de Atenas eram obras de arte cuja beleza não podia ser ultrapassada, mas por trás dessa beleza Paulo viu as trevas da idolatria". John Stott (2008, p. 314) ao comentar a reação de Paulo afirma que:

[2] John Stott (2008, p. 313) diz que "o verbo grego *paroxyno*, de onde vem a palavra "paroxismo", originalmente tinha conotações médicas e se referia a um ataque epiléptico.Também significava "estimular", em especial "irritar, provocar, causar ira".

> Assim, a dor, ou o "paroxismo", que Paulo sentiu em Atenas não foi causado por um descontrole, nem pela piedade diante da ignorância dos atenienses, nem pelo medo de que não conseguissem a salvação eterna. Mas foi causada principalmente por sua aversão à idolatria, que despertou dentro dele uma agitação profunda de ciúmes pelo nome de Deus, ao ver seres humanos tão depravados, a ponto de dar aos ídolos glória devida apenas ao único Deus vivo e verdadeiro. "Inflamava-se-lhe o espírito de indignação com o espetáculo dessa cidade cheia de ídolos". Essa dor e sentimento de horror interno que levou Paulo a compartilhar as boas novas com os idólatras de Atenas deveria nos motivar da mesma forma.

O sentimento interno de horror pela idolatria levou o apóstolo a reconhecer a necessidade de demonstrar aos atenienses a verdade. Assim, partindo da importância que os atenienses davam a seus ídolos, compartilhou as boas novas da verdadeira adoração.

Arguir e ser arguido

> Por isso, dissertava na sinagoga [...] também na praça, todos os dias [...]. E alguns dos filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele" (At 17:17-18).

A idolatria observada na cidade e sua indignação levaram Paulo a debater com os atenienses e judeus residentes ali. Ele argumentava a favor da fé cristã e era questionado acerca dela.

> Como de costume, começou na sinagoga, continuou na praça do mercado e terminou no Areópago. Três locais de pregação que abrangeram toda a população da cidade. Todas as classes sociais. Uma estratégia extremamente eficiente do ponto de vista para tornar o evangelho conhecido. É certo que a pregação de Paulo não produziu grandes resultados numéricos, mas mostrou um método de evangelizar uma cidade culta, sem descartar ninguém (VELOSO, 2010, p. 210).

Isso mostra a versatilidade e o preparo desse missionário no contexto plural da Atenas, como ressalta Howard Marshall (1991, p. 267):

> Os ouvintes de Paulo incluíam aderentes das filosofias epicureanas e estóicas. Os primeiros, que tomavam seu nome do seu fundador Epicuro (341-270 a.C.), tendiam a um ponto de vista materialístico. Para eles, ou os deuses não existiam, ou eram tão removidos do mundo que não exerciam influência alguma nos seus negócios. Ensinavam uma teoria atômica rudimentar, e, na sua ética, ressaltavam a importância do prazer e da tranquilidade. Muitas vezes têm sido falsamente representados como sendo sensualistas nos seus conceitos, mas, na realidade, tinham um conceito nobre do "prazer" e desprezavam o sensualismo. Os estóicos, fundados por Zenão (340-265 a.C.), adotaram o nome das *stoa* ou *colunatas* onde ele ensinava. Ressaltavam a importância da razão como princípio da estruturação do universo, e mediante o qual os homens devem viver. Tinham um conceito panteístico de Deus como alma do mundo, e a sua ética ressaltava a auto-suficiência individual e a obediência aos ditames do dever.

Respeitando a cultura e os princípios dos atenienses, Paulo procurou apresentar sua pregação de tal modo que os fizesse refletir sobre sua forma de adoração, ao mesmo tempo em que salientava o culto ao Deus verdadeiro, levando-os ao conhecimento de Cristo. A esse respeito, os argumentos de Stott (2008, p. 316-317) são relevantes:

> É impossível deixar de admirar a habilidade de Paulo que falava com a mesma facilidade às pessoas religiosas na sinagoga, aos transeuntes na praça e aos filósofos altamente sofisticados na Ágora e na reunião do Concílio. Hoje, o equivalente mais próximo à sinagoga é a igreja, o local onde se encontram as pessoas religiosas. Ainda é importante compartilhar o evangelho com pessoas que frequentam a igreja e com tementes a Deus, que talvez só participem ocasionalmente dos cultos. O equivalente à ágora varia de acordo com o lugar. Pode ser um parque, uma praça ou uma esquina, um shopping ou uma feira, um bar, uma discoteca ou uma cantina de escola, qualquer lugar em que as pessoas se encontram para se divertir. Existe uma grande necessidade de evangelistas talentosos, capazes de fazer amigos e conversar sobre o evangelho em locais informais desse tipo. Quanto ao Areópago, não existe um equivalente preciso no mundo contemporâneo. O mais próximo talvez seja a universidade, onde podem ser encontradas as melhores cabeças do país. A evangelização não os atingiria

> na igreja ou na rua. Deveríamos promover evangelização nas casas, onde há liberdade para discussões, "agnósticos anônimos", grupos em que não haja nenhuma restrição quanto a convicções, e evangelização por meio de palestras, com conteúdo fortemente apologético. Há uma necessidade urgente de mais pensadores cristãos que dediquem suas mentes a Cristo, não apenas como estudiosos, mas também como escritores, jornalistas, dramaturgos e radialistas, como roteiristas, produtores e personalidades de televisão, e como artista e atores que empregam várias formas de expressão para proclamar o evangelho. Todos eles podem lutar contra as filosofias e as ideologias não cristãs contemporâneas de uma forma que atinja homens modernos, pessoas que pensam, para, no mínimo, conquistar ouvintes para o evangelho, em função da sensatez de sua apresentação. Cristo deseja mentes humildes, mas não reprimidas.

Essa estratégia paulina de tornar o evangelho acessível a todos, mediante um linguajar claro e desenvolvido segundo a capacidade de compreensão de cada tipo de ouvinte, possibilita uma teologia expansiva, capaz de penetrar na mente e no coração humano.

Conhecer o pensamento filosófico de seus dias

> Nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração. Sendo, pois, geração de Deus (At 17:28-29).

O apóstolo demonstra estar atualizado com a filosofia reinante entre seus ouvintes ao mencionar pensamentos de dois poetas. "Nele vivemos, e nos movemos, e existimos" é uma citação de um poeta do século VI a.C., Epimênides. "Porque dele também somos geração" vem de Aratu, autor estóico do terceiro século a.C.

> Vários autores de obras literárias evangélicas e outras veem, nas epístolas de Paulo, certo número de alusões aos poetas e escritores gregos e romanos, como Píndaro, Aristófanes, Epimênides, Menandro etc., havendo um número suficiente de citações diretas que nos autorizam a afirmar a ideia de que Paulo tinha familiaridade com esse tipo de literatura. No trecho de 1 Cor. 15:32 o apóstolo Paulo cita

> Menandro, e a passagem de Tito 1:12 contém um trecho extraído dos escritos de Epimênides (CHAMPLIN, 1995, v. 3, p. 377).

Dessa forma, visto que entendia e manejava bem o pensamento filosófico, podia argumentar a respeito do evangelho de Cristo dentro de parâmetros que faziam sentido aos ouvintes. Além disso, o pensamento filosófico serviu como instrumento para a argumentação teológica do apóstolo em sua apresentação da fé cristã. Outros cristãos também defenderem a fé cristã se utilizando da filosofia, dentre os quais se destaca Justino, o Mártir. Dionisio Hatzenberger (2012) compara a vida de Justino à do apóstolo Paulo no que diz respeito a descendência e defesa do cristianismo junto aos gentios. Ambos tinham vivido entre judeus e gentios, tinham boa formação e usavam da argumentação para convencer judeus e gentios a respeito de Cristo e, devido à fé que professavam em Cristo, foram também ambos martirizados em Roma. Assim, podemos afirmar que a utilização da filosofia com sensibilidade teológica é uma atitude pastoral-missionária elementar nas cidades de hoje.

Respeito pela religiosidade do outro

> Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos; porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: Ao Deus Desconhecido (At 17:22-23).

A percepção estrategista de Paulo ao falar com os atenienses revela uma atitude ponderada, sensata, em nada discriminadora ou acusadora. Paulo não ataca frontalmente e agressivamente a idolatria da cidade. Ao contrário, ele elogia a religiosidade dos atenienses, tomando como tema e referência em sua mensagem a existência de altares dedicados a deuses que eles não conheciam, possivelmente para aplacar a ira de algum deus que se sentisse ofendido com algo cometido por eles. A atitude de Paulo é caracterizada pelo respeito à religiosidade do outro e pela gentileza na abordagem de um tema que era controverso à fé cristã.

> As palavras de Paulo contêm um tesouro de conhecimento para a igreja. Estava ele numa posição em que facilmente poderia ter dito qualquer coisa que teria irritado seus orgulhosos ouvintes, colocando-se em dificuldade. Tivesse seu sermão sido um ataque direto aos deuses e aos grandes homens da cidade, e ele teria corrido o perigo de sofrer a sorte

> de Sócrates. Mas, com o tato nascido do divino amor, cuidadosamente ele afastou-lhes a mente de suas divindades pagãs, revelando-lhes o verdadeiro Deus, para eles desconhecidos (WHITE, 2007, p. 133).

Seguindo o exemplo de Cristo e do apóstolo Paulo, a atual eclesiologia deveria se preocupar também com a questão da liberdade religiosa. Apreendemos com o apóstolo Paulo que o respeito às opiniões e à religiosidade do outro, principalmente em um contexto de pluralidade religiosa, característico de qualquer cidade ocidental, é uma sábia atitude pastoral-missionária.

Anúncio contextualizado

> Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio (At 17:23).

A contextualização é muito mais que adotar certos costumes (vestuário, alimentação e idioma) do outro. Contextualizar é uma ampla tarefa hermenêutica de compreender a palavra de Deus e transportar seu sentido para o contexto atual ou para o contexto do outro, causando o mesmo impacto que causou aos primeiros ouvintes. O conteúdo da mensagem pregada por Paulo no Areópago estava muito bem aplicado àquele contexto. Todavia, o que o apóstolo propõe anunciar aos atenienses é um Deus que eles adoravam sem conhecer.

> Nessa hora de solene responsabilidade, o apóstolo estava calmo e confiante. Tinha o coração possuído de importante mensagem, e as palavras que lhe caíram dos lábios, convenceram seus ouvintes de que ele não era nenhum paroleiro. "Varões atenienses", disse ele, "em tudo vos vejo um tanto supersticiosos: porque, passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Esse pois que vós honrais, não O conhecendo, é o que vos anuncio"(At 17:22,23). Com toda a sua inteligência e conhecimento generalizado, eram eles ignorantes do Deus que criara o Universo. Alguns, todavia, que ali estavam, almejavam maior luz. Estavam procurando alcançar o infinito (WHITE, 2007, p. 131).

Missionários de todas as épocas têm enfrentado o problema e o desafio da contextualização. No entanto, a encarnação de Jesus Cristo constitui o maior exemplo de contextualização: "A palavra se tornou carne e habitou entre nós"

(Jo 1:14). Deus deixou a glória celestial eterna e se tornou humano entre nós. O Deus eterno se tornou carne, homem desamparado e pobre. Entendemos que o evangelho de Cristo é suficiente e sempre relevante em qualquer contexto e qualquer época, mesmo que seja rejeitado por grande parte do que é chamado de "modernidade e/ou pós-modernidade", esta rejeição não diminui sua relevância e importância vital, pois esta rejeição é no final das contas baseada não na sua ineficiência, mas na recusa do homem natural e carnal de pagar o alto preço exigido pelo evangelho. A contextualização não deve ser do evangelho, mas dos métodos e formas de apresentá-lo dentro de cada contexto e realidade onde se está fazendo missões. Paulo em Atenas se contextualizou sem deixar de propor algo desconhecido aos famosos filósofos e intelectuais gregos. Podemos, então, encarar o anúncio contextual da Palavra de Deus como parte essencial da mensagem pastoral-missionária na cidade.

Conteúdo da mensagem (At 17:24-31)

O conteúdo da mensagem contextualizada de Paulo no Areópago cumpriu seu objetivo ao abordar temas relevantes para aquele ambiente específico. Sua pregação, embora tenha incluído pensamentos de filósofos ou poetas, foi também no poder do Espírito Santo. Assim, então, passou a proclamar o Deus vivo e verdadeiro em cinco aspectos (STOTT, 2008, p. 321-326) expondo, assim, os erros e até mesmo os horrores da idolatria.

Deus é o Criador do universo: "O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feito por mãos humanas" (At 17:24).

> A proclamação de Paulo diz respeito ao Deus que fez o universo e tudo quanto ele contém, e que é, portanto, Senhor do céu e da terra. Sua linguagem baseia-se na descrição de Deus dada no Antigo Testamento (e.g. Is 42:5; Êx 20:11), mas aquilo que disse também seria aceito pelo filósofo grego, Platão. O Antigo Testamento não emprega a palavra mundo (gr. *kosmos*), visto não haver qualquer termo correspondente em hebraico; pelo contrário, fala "do céu e da terra" ou "de tudo" (Jr 10:16). A palavra, no entanto, se emprega no judaísmo de fala grega (Sabedoria 9:9;11:17; 2 Mac. 7:23), e não é surpreendente achá-la aqui (cf. Rm 1:20); Paulo emprega a linguagem que, segundo esperaríamos, um judeu empregaria ao falar grego diante de pagãos. O Deus que é Criador e Senhor claramente não habita num templo feito por mãos humanas (ver 7: 48; Mc 14:58; a frase se empregava de

> ídolos feitos pelos homens em contraste com o Deus vivo, Lv 26:1; Is 46:6). Há, talvez, um eco da oração de Salomão na dedicação do templo, quando reconheceu que era inadequado como casa de Deus (1 Rs 8:27). Mais uma vez, trata-se de um sentimento que seria aceito pela filosofia (MARSHALL, 1991, p. 270).

Deus é o mantenedor da vida: "Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais" (At 17:25).

> Deus continua sustentando a vida que ele criou e deu às suas criaturas humanas. É absurdo, portanto, supor que aquele que sustém a vida precisa ser sustentado, aquele que supre as nossas necessidades precisa ser suprido por nós. Qualquer tentativa de subjugar ou domesticar a Deus, de reduzi-lo ao nível de um animal doméstico que depende de nossa comida e habitação é, novamente, uma ridícula inversão de papéis. Nós dependemos de Deus; ele não depende de nós (STOTT, 2008, p. 321).

Deus é o Governador de todas as nações: "De um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra" (At 17:26).

> Os gregos não criam na igualdade de todos os seres humanos, nem reconheciam os direitos de todos os indivíduos. Eles se consideravam mais importantes se comparados com os incultos bárbaros que povoavam as nações fora da Grécia. E os atenienses consideravam-se os únicos seres humanos verdadeiramente autóctones que surgiram originalmente, como nativos de África. Pensavam que não descendiam de ninguém e que eram superiores a todos. Mas, para Deus, não existe nenhuma raça superior, nem território que Ele não lhe tenha concedido. Assim falou desde os tempos antigos (VELOSO, 2010, p. 213).

Deus é o Pai dos seres humanos: "Como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração. Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata, ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem" (At 17:29).

> Apontando os nobres espécimes da humanidade em torno de si, com palavras tomadas de um de seus poetas, Paulo pintou o infini-

> to Deus como um Pai, de quem eram filhos. "Nele vivemos, e nos movemos, e existimos", declarou ele, "como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração. Sendo nós, pois, geração de Deus, não havemos de cuidar que a Divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens (WHITE, 2007, p. 132).

Ao apresentar Deus como Pai Paulo enfatiza a nossa condição fraterna mas, principalmente, expõe a superioridade divina sobre os homens por Ele criados.

> Paulo quis dizer que todos os homens vieram de Deus no sentido de que são suas criaturas, dependendo dele para a vida. Há uma doutrina bíblica sobre a paternidade universal de Deus e a fraternidade de todos os homens que repousa no fato da criação comum e não sobre um relacionamento espiritual, como indica esta passagem. Sendo Deus o criador dos homens, deve pelo menos ser maior do que os homens. Portanto, identificar a Divindade com alguma coisa que o homem criou ou imaginou é a mais desbaratada tolice e a profundeza do pecado (PFEIFFER; HARRISON, 1984, p. 279).

Deus é o juiz do mundo: "Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (At 17:31). O julgamento divino, o arrependimento e a ressurreição de Cristo foram os pontos chave da pregação de Paulo aos atenienses, ponto este que tem deve ser salientado ainda hoje a todos os que ainda persistem nas práticas idólatras, como orienta Stott (2008, p. 324):

> Deus entregou o julgamento ao seu filho, e o destinou e acreditou diante de todos, publicamente, ressuscitando-o dentre os mortos. Jesus foi confirmado através da ressurreição e declarado Senhor e Juiz. E mais do que juiz divino, ele também é varão ou "homem" (BLH). Todas as nações foram criadas do primeiro Adão; todas as nações serão julgadas pelo último Adão.

Nesse sentido, tal como em Atenas, hoje os seres humanos devem se arrepender da idolatria que praticam. Como explica Hughes (1996), o

julgamento está chegando, e nosso juiz é o Cristo ressuscitado, por isso, a humanidade precisa ser chamada ao arrependimento para salvação. Se antes de Cristo a idolatria era relevada, embora não permitida, após a vinda de Cristo não mais admite Deus essa prática, já que o próprio Deus se revelou à humanidade, como esclarece Ellen G. White (2007, p. 132):

> Nos séculos de trevas que precederam o advento de Cristo, o divino Soberano passou por alto a idolatria dos gentios; mas agora, por intermédio de seu Filho, enviara Ele aos homens a luz da verdade; e esperava de todos arrependimento para a salvação, não somente do pobre e humilde, mas também do altivo filósofo e dos príncipes da Terra.

Dessa forma, a mensagem da igreja na cidade deve ser dada de molde a responder às suas demandas com fidelidade ao evangelho de Cristo, tornando-se, assim, o âmago da tarefa pastoral-missionária do povo de Deus.

Formação da comunidade de fé

uns escarneceram [...]. Houve, porém, alguns homens que se agregaram a ele e creram (At 17:32-34).

Ao apresentar a mensagem do Evangelho aos atenienses, Paulo não alcançou a todos de igual forma. Enquanto alguns rejeitaram, outros consideraram apenas mais uma teoria e outros, ainda, aceitaram a mensagem, unindo-se à fé cristã.

> De acordo com Eusébio de Cesareia, famoso historiador eclesiástico do século 4 d.C., Dionísio chegou a ser o primeiro bispo de Atenas. A segunda pessoa mencionada é uma mulher chamada Dâmaris. O mais provável é que tenha sido uma mulher da aristocracia que já tinha ouvido Paulo falar na praça e entrou no Areópago com a multidão, procedente da cidade, que acompanhou Paulo quando os filósofos o convidaram. As mulheres não tinham acesso normal ao Areópago, mas essa era uma ocasião especial quando muitas pessoas entraram sem ser dos que o frequentavam regularmente. Deve ter sido de importância semelhante à de Dionísio, pois, além dele, foi a única pessoa mencionada por Lucas. Os demais que creram também devem ter sido pessoas importantes da cidade (VELOSO, 2010, p. 216).

David H. Stern (2007, p. 319), comentando Atos 17:34, assim se pronunciou: "Embora se diga ocasionalmente que *Sha'ul* [Paulo] não teve sucesso em Atenas, esse versículo prova o contrário: as pessoas citadas por nome tornaram-se o núcleo da comunidade messiânica da cidade". Conforme destaca Hughes (1996), o sermão de Paulo apresentou três resultados: zombaria, adiamento e crença. Enquanto a maioria do povo rejeitou ou deixou para depois, houve entre eles alguns que creram e mantiveram a fé, levando a mensagem a outros. Atenas foi palco da presença missionária da igreja pela atividade de Paulo. Da mesma forma, as cidades de hoje, cada uma com características peculiares, são a fronteira missionária para a igreja. Lendo a experiência de Paulo, sentimo-nos impulsionados a levar o evangelho a cada dimensão de vida humana que caracteriza nossas cidades.

Considerações finais

A permanência de Paulo em Atenas, enquanto aguardava seus companheiros, tornou possível analisar alguns aspectos relevantes para a formulação de estratégias missionárias para os tempos atuais. Os aspectos da pregação do apóstolo podem ser observados na tarefa missionária, principalmente as cidades onde pode existir grade diversidade de pessoas e culturas. Antes de qualquer coisa, Paulo observou a cidade, e foi a partir dessa observação que enxergou não tanto a beleza da arte, mas o aspecto religioso que ela continha, o que levava o povo a idolatrar imagens de diferentes deuses, incluindo entre seus ídolos um pedestal ao Deus desconhecido.

Conquanto tenha alcançado a alguns poucos, a abordagem de Paulo em Atenas foi brilhante. Sua mensagem apontava diretamente para o problema e foi através de seus métodos estratégicos, de sua ponderação, conhecimento e entrega à ação do Espírito Santo, que Paulo realizou em Atenas a obra requerida por Cristo de cada um de nós: a de levar a mensagem a todos os povos, línguas e nações. Assim, a igreja deve buscar métodos e formas de apresentar o Evangelho em cada contexto e realidade, sem, contudo, se perder a mensagem.

Referências

BARRO, J. H. **De cidade em cidade**. Londrina: Descoberta, 2002.

CHAMPLIN, R. N. **O novo testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1995. v. 3.

GREENWAY, R. S. **O desafio das cidades**: Perspectivas no movimento cristão mundial. São Paulo: Editora Vida Nova, 2009.

HATZENBERGER, D. **História da igreja**. 2012. Disponível em: <http://bit.ly/18l6pLt>. Acesso em: 07 ago. 2013.

HUGHES, R. K. **Atos**: a igreja em chamas. Pregação da Palabra. Wheaton.: Crossway Books, 1996.

MARSHALL, I. H. **Atos**: introdução e comentário. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1991.

OLIVEIRA, L. A. B. Pesquisas SEPAL. **As cidades são o principal campo missionário do século XXI**. 2012. Disponível em: <http://bit.ly/1b5Thw1>. Acesso em: 7 ago. 2013.

PEARLMAN, M. **Atos**: e a igreja se fez missões. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

PFEIFFER, C. F.; HARRISON, E. F. **Comentário bíblico Moody**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1984. v. 4.

REIS, G. **Paradigmas missiológicos no novo testamento**. 2006. Disponível em: <http://bit.ly/1hUXOFu>. Acesso em: 7 ago. 2013.

STERN, D. H. **Comentário judaico do novo testamento**. Belo Horizonte: Editora Atos, 2007.

STOTT, J. **A mensagem de Atos**: até os confins da terra. São Paulo: Editora ABU, 2008.

VELOSO, M. **Atos**: contando a história da igreja apostólica. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010. (Comentário Bíblico Homilético).

WHITE, E. G. **Atos dos apóstolos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

Enviado dia 01/08/2013
Aceito dia 05/11/2013